

PRÁTICAS DE (RE)PRODUÇÃO, PRÁTICAS DE CONTESTAÇÃO: A EXPERIÊNCIA DE MULHERES BRASILEIRAS EM PORTUGAL

PRACTICES OF (RE)PRODUCTION, PRACTICES OF CONTESTATION: THE EXPERIENCE OF BRAZILIAN WOMEN IN PORTUGAL

PRÁCTICAS DE (RE)PRODUCCIÓN, PRÁCTICAS DE CONTESTACIÓN: LA EXPERIENCIA DE LAS MUJERES BRASILEÑAS EN PORTUGAL

Paulo Jackson Gomes de Souza¹

Resumo: Partindo dos dados produzidos na etnografia virtual realizada no Projeto de Iniciação Científica: “A experiência migratória de brasileiras em Portugal: colonialidade e gênero”, este artigo analisa sociologicamente os efeitos da representação da “brasileira” em Portugal, os seus princípios e mecanismos de produção e reprodução. Para tanto, foram selecionados relatos de mulheres brasileiras e discursos portugueses em dois grupos no Facebook, analisados a partir do eixo teórico-conceitual da colonialidade, dos conceitos de tradição pornô-tropical e violência simbólica. O artigo demonstra não apenas as práticas de manutenção da ordem colonial-patriarcal e a (re)produção da representação que essencializa as mulheres brasileiras, como a sua denúncia e contestação por essas próprias mulheres.

Palavras-Chave: Migração; Mulheres Brasileiras; Luso-Tropicalismo; Colonialidade

Abstract: Based on the data produced in the virtual ethnography carried out in the Scientific Initiation Project: “The migratory experience of Brazilian women in Portugal: coloniality and gender”, this article sociologically analyzes the effects of the representation of the “Brazilian woman” in Portugal, its principles and mechanisms of (re)production. To this end, we selected accounts of Brazilian women and Portuguese discourses in two Facebook groups, analyzed from the theoretical-conceptual axis of coloniality, the concepts of pornotropic tradition and symbolic violence. The article demonstrates not only the practices of maintaining the colonial-patriarchal order and the (re)production of the representation that essentializes Brazilian women, but also their denunciation and contestation by these women themselves.

Keywords: Migration; Brazilian Women; Luso-Tropicalism; Coloniality

Resumen: A partir de los datos producidos en la etnografía virtual realizada en el Proyecto de Iniciación Científica: «La experiencia migratoria de las mujeres brasileñas en Portugal: colonialidad y género», este artículo analiza sociológicamente los efectos de la

¹ Graduando de licenciatura em Ciências Sociais na Universidade Federal Fluminense (UFF), foi bolsista PIBIC/UFF 2022-2023 no projeto “A experiência migratória de brasileiras em Portugal: colonialidade e gênero” e Iniciação Científica como voluntário 2023-2024 no projeto “Efeitos da colonialidade e do gênero sobre as experiências migratórias de brasileiras em Portugal: entre desafios, resistências e agências”, ambos coordenados pela Prof.^a Dra. Gisele Maria Ribeiro de Almeida. Atualmente, está em mobilidade no Curso de Sociologia da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (FEUC). E-mail: paulojacksongomes@outlook.com

representación de la «mujer brasileña» en Portugal, sus principios y mecanismos de (re)producción. Para ello, seleccionamos relatos de mujeres brasileñas y discursos portugueses en dos grupos de Facebook, analizados a partir del eje teórico-conceptual de la colonialidad, los conceptos de tradición pornotrópica y violencia simbólica. El artículo demuestra no sólo las prácticas de mantenimiento del orden colonial-patriarcal y la (re)producción de la representación que esencializa a las mujeres brasileñas, sino también su denuncia y contestación por parte de las propias mujeres.

Palabras clave: Migración; Mujeres Brasileñas; Luso-Tropicalismo; Colonialidad

INTRODUÇÃO

Este artigo é parte dos dados e análises produzidas na etnografia virtual realizada no âmbito do Projeto de Iniciação Científica: “A experiência migratória de brasileiras em Portugal: colonialidade e gênero”, fomentado pelo CNPq/UFF e coordenado pela Prof.^a Dra. Gisele Maria Ribeiro de Almeida. O estado atual de nossa pesquisa se encontra aqui apenas na forma de pressupostos teóricos-conceituais, estruturando analiticamente - mas comedidamente - todo o trabalho.

À vista disso, não podemos deixar de destacar o paradoxo que percorre todo o texto, pois, do início ao fim, ele não pode deixar de aparentar estar contido nos seus próprios avanços. Não se deve ignorar, é claro, que, em grande medida, essa contenção está condicionada pelas normas de publicação, dos quais é preciso se submeter e que reduz consideravelmente o espaço necessário para um tratamento analítico adequado.

Estas considerações nada tem de gratuitas, uma vez que tal situação impõe certo cuidado em construir uma argumentação ciente de seus limites e possibilidades, dado que delimitar objetivos demasiadamente amplos pode acabar por cercear os próprios objetivos pretendidos.

Coloquemos então nosso objetivo geral da seguinte forma: analisar, com base nos eixos teóricos-conceituais da colonialidade (Quijano, 2005; Lugones, 2020) e do luso-tropicalismo (Castelo, 1998), e dos conceitos de tradição pornô-tropical (McClintock, 2010) e violência simbólica (Bourdieu, 1989), alguns dos relatos das imigrantes brasileiras e dos discursos portugueses selecionados durante a etnografia virtual. Buscando compreender os princípios, mecanismos e efeitos da construção da representação da “mulher brasileira” nas experiências dessas mulheres em Portugal.

Com fins analíticos e de embasamento teórico, estes conceitos serão discutidos como forma de se analisar e compreender os mecanismos fundamentais para a (re)produção de uma ordem de saber-poder colonial-patriarcal sobre as mulheres brasileiras (Gomes, 2018) - e simultaneamente, para a dissimulação de tal ordem, como será argumentado.

Nota-se que tal proposição exige um desenvolvimento argumentativo um pouco mais trabalhado e que encontra aqui os limites normativos do texto. Por isso a nossa prudência em restringir o objetivo principal deste artigo, dedicando-se mais aos materiais empíricos e seu exame. Não obstante, considerações conceituais e teóricas serão feitas no decorrer da análise dos dados qualitativos. Somente não serão discutidas em seus pormenores e de maneira aprofundada² - é o caso da “mulher luso-tropical”, tipo-ideal da representação da “brasileira” construído ao longo de nossa pesquisa e que aqui não será desenvolvido, apenas citado.

Feito as devidas ponderações, o artigo se estrutura da seguinte forma: foram selecionados 12 comentários de brasileiros e portugueses e, principalmente, de mulheres brasileiras em duas comunidades de brasileiros em Portugal no Facebook. A primeira seção busca descrever a natureza da metodologia utilizada, apresentar as comunidades observadas e como foram observadas. A segunda seção se detém sobre os discursos de portugueses e brasileiros, buscando examinar a manifestação do luso-tropicalismo e da colonialidade, especialmente na construção prática das identidades. Essa discussão permite estruturar, antes da conclusão, as análises da última seção, que privilegia os relatos das imigrantes brasileiras, que expõem os processos de violência cotidiana e contrapõem os estereótipos lhe atribuídos.

UMA OBSERVAÇÃO VIRTUAL: CONSTRUINDO O CAMPO

A etnografia virtual é parte de um conjunto de esforços metodológicos denominados de diferentes formas - netnografia, webnografia, ciberantropologia, etnografia digital - por pesquisadores de distintos campos do conhecimento diante das aberturas e questões - éticas, metodológicas, epistemológicas - suscitadas pelo advindo da internet (Polivanov, 2014).

O desenvolvimento acelerado e difusão das TIC 's impôs novas exigências para as ciências sociais desde finais do século passado, e o estar em campo ganhou uma nova

² O que exigiria, em primeiro lugar - no mínimo -, uma abordagem histórico-sociológica, regressando até o século XVI para a compreensão da constituição da colonialidade e do estabelecimento de uma tradição pornotropical.

dimensão, cujos empreendimentos etnográficos tradicionais ainda não haviam experimentado. Em entrevista a Bruno Campanella, Christine Hine, uma das expoentes no uso e estudo sobre etnografia virtual, fala das problemáticas que emergiram no início deste século, quando a academia ainda compreendia o online na oposição entre o real e o virtual. Buscando superar essa dicotomia, a autora concebe a internet como cultura e como artefato cultural:

A distinção funciona como um dispositivo heurístico válido, por nos lembrar de levar em conta tanto o que acontece on-line, em seus próprios termos, quanto as amplas circulações e reinterpretações das atividades on-line ao longo de outros domínios culturais. Os dois aspectos da internet, entretanto, não devem ser encarados como separáveis em qualquer modo evidente – eles se nutrem mutuamente (CAMPANELLA, 2015, p. 168).

Com esses conceitos, superando a dicotomia online e offline, Hine caracteriza as especificidades da internet - de suas linguagens, símbolos, conflitos, dinâmicas, interações sociais e comunidades -, mas também de suas apropriações, seus usos e sentidos atribuídos pelos sujeitos. Podemos dizer que a etnografia virtual é um método em refinamento, com reflexões contínuas sobre a etnografia - enquanto método ativamente adaptado pelo pesquisador em variadas situações (Hine, 2015).³

Se as mudanças geradas pelas TICs promovem novas considerações sobre o saber-fazer etnográfico, elas atingiram também o nosso objeto de estudo, o fenômeno migratório e, conseqüentemente, o próprio campo de estudos migratórios. Os deslocamentos mediados e possibilitados pelas novas tecnologias, exigiram revisões, ampliações e a construção de novos métodos, teorias, conceitos e tipologias. Esse desenvolvimento tecnológico simultâneo à globalização, desafiou certas concepções tradicionais de espaço, tempo, relações sociais e da própria definição de imigração (Almeida; Baeninger, 2013).

A consolidação das novas tecnologias na vida social deu ainda mais complexidade para a mobilidade humana, intensificando o volume dos fluxos migratórios impulsionados por imaginário e desejos, e ampliando as rotas e países de destino (Elhajji, 2023). Sendo assim, identidades são impactadas pelas novas formas e meios em que se constitui as relações sócio-espaciais, atravessadas pelos vínculos (des)contínuos e reconstruídos entre lugar de

³Ao longo deste século, os trabalhos da própria autora acompanharam as diferentes transformações tecnológicas da internet e de sua integração na vida cotidiana das pessoas, o que faz com que a mesma revise certas colocações e aprimore suas reflexões. É o caso dos conceitos de internet incorporada, corporificada e cotidiana (Hine, 2015).

origem, trânsito e destino, criando-se, por exemplo, “fenômenos de co-presença” (Almeida, 2021, p.129).

Neste cenário, a etnografia virtual emerge como uma demanda de se investigar cientificamente, frente às transformações sociais em curso, as manifestações de fenômenos como a xenofobia, o racismo e as demais discriminações e violências que se tecem e se estruturam na e pela internet, se retroalimentando nos espaços online-offline.

Importante mencionar isto porque, de forma alguma as interações das comunidades virtuais aqui observadas são concebidas desvinculadas da “realidade”. Muitas postagens e comentários feitos por brasileiros e portugueses, principais nacionalidades dos grupos em questão, mostram como as interações em redes sociais como o Facebook, permitem significativas expressões de afirmações identitárias e relatos de experiências que em outros espaços não seria possível apreender, ampliando as próprias possibilidades etnográficas.

Consequentemente, os encontros entre brasileiros e portugueses - que também são encontros entre distintos modos de percepção, classificação e expressão do mundo e de suas identidades - fazem com que se estruturam espaços de conflito. Perspectivas e sentidos diferentes são acionados por cada membro nas publicações e nos comentários dessas publicações, cada qual expressando determinada opinião e concepção sobre Portugal, os portugueses e os brasileiros, a xenofobia, o racismo, o assédio, etc.

Dito isto, como Hine (2015), não estamos falando do indivíduo virtual descorporificado, projetado pela cultura Cyberpunk nos primórdios do “ciberespaço”, mas sim, de sujeitos corporificados e que incorporam a internet em seu cotidiano e que, por conseguinte, não podem deixar de estabelecer uma relação corporificada com ela. Ora, daí que o pesquisador não pode se eximir de uma auto-reflexão e de construir táticas para dimensionar⁴ sua própria relação com o campo.

As redes sociais estão presentes diariamente em nossas vidas, utilizamos para pesquisar, trabalhar, socializar e se comunicar, se manter atualizado com notícias em escala regional, nacional e global, opinar sobre as mais variadas questões desde o entretenimento à política, etc. A familiaridade com esse espaço normaliza determinados modos de (re)agir

⁴ Nesse momento, o campo também se torna objeto de conhecimento. Embora em outras condições e objetivos, é útil a reflexão de Velho sobre a questão da proximidade: “(...) não se trata de manipular com maior ou menor habilidade técnicas de distanciamento, mas ter condições de estar permanentemente num processo de autodimensionamento paralelo e complementar ao seu trabalho com o objeto de pesquisa de que, afinal, ele faz parte” (Velho, 1989, p.13).

sobre ele e de realizar interações com outros sujeitos, produzindo expectativas, desejos e sentimentos - produzindo o óbvio, e por isso mesmo, o não dito. Percebe-se como a etnografia virtual não difere substancialmente de uma etnografia tradicional, pois ainda exige que se opere um trabalho de transformação do “familiar em exótico” (Damatta, 1978, p.28).

Levando em conta as diferentes vias etnográficas que um pesquisador pode tomar para operar essa transformação, é profícuo o questionamento, de praxe, de elementos - símbolos, a linguagem, as ferramentas disponíveis - e funcionalidades gerais, os sentidos dos usos de símbolos como os emoji e gifs pelos usuários em cada tipo de rede social. Trata-se de um processo de confrontar certezas e ideias pré-concebidas geradas por um uso habitual desses espaços, onde a percepção costuma a ser acrítica, afetiva e descontraída, orientada pelo senso comum.

Por exemplo: no relatório do projeto de pesquisa, constavam descrições e análises detalhadas, desde a entrada no campo e dos elementos que configuram determinado espaço, não diferindo de anotações em um diário de campo. O relatório também continha imagens - os *printscreen*, capturas digitais de telas - da interface dos grupos observados, descrições pormenorizadas de todas ferramentas, funcionalidades, regras, quantidade de membros e de publicações diárias, quantidade de entrada de membros por semana ou mês.

Se não dá para descrever aqui detalhadamente toda etnografia, ao menos podemos descrever, brevemente, o processo de construção do campo de observação - contra um reducionismo empirista e atitude positivista que visa constatar evidências, “(...) como se o que pode ser reivindicado como *evidence* fosse evidente (Bourdieu, 1989, p.24, grifos do autor).

Assim, após discutir e mapear os possíveis campos na internet, escolhemos dois grupos no aplicativo WhatsApp e na rede social Facebook. Os grupos no WhatsApp mostraram-se improdutivos, ao contrário dos grupos do Facebook. Neste, embora um terceiro grupo tenha sido considerado, não houve um dispêndio de tempo investido na observação desta comunidade, que serviu somente como parte da exploração dos possíveis campos da etnografia.

Em 18 de outubro de 2022, deu-se início à etnografia virtual nos grupos “Grupo A” e “Grupo B”⁵. Para selecioná-los, realizamos um processo de filtragem⁶, uma vez que, mesmo em grandes números, nem todos os grupos são adequados para uma observação extensa. São comunidades nas quais os propósitos descritos pelos administradores não encontram paralelo na realidade observada das postagens cotidianas - assim como, em muitos casos, a ausência ou pouca quantidade de publicações mostram que alguns desses espaços são pouco propícios para uma etnografia.

Com isso, os grupos A e B apresentaram ser comunidades do Facebook adequadas: alta quantidade de postagens diárias de tipos diversificados, como anúncios de vendas de objetos, aluguel quartos, ofertas e procura de trabalho, conselhos aos potenciais emigrantes/imigrantes, dúvidas gerais daqueles que querem emigrar ou estão pela primeira vez em Portugal, denúncias de golpes financeiros, etc.

Além das postagens com defesas e críticas a Portugal, existem discussões recorrentes nos grupos referentes a certas situações específicas que ocorrem nestes espaços e entre seus membros. O que significa se ater tanto às relações sociais que transbordam os espaços limítrofes da comunidade “virtual”, como seu inverso, ou seja, as singularidades da rede social observada.

Nos dois grupos observados, as publicações giram em torno de dúvidas sobre cidadania, arrendamento de casas e apartamentos, ofertas de trabalho, pedidos de ajuda, publicações de imigrantes experientes aconselhando pessoas em determinadas situações, poucas postagens têm como assunto principal xenofobia, sexismo, racismo, etc. Quando alguns relatos são feitos, geralmente as publicações ocorrem com um certo intervalo de tempo, sendo que a questão da xenofobia, por exemplo, surge na maior parte das vezes em publicações que, a princípio, não são voltadas para essa questão, mas que geram debates e muitos relatos nos comentários.

Tendo isso em vista, uma das estratégias metodológicas utilizadas para “navegar” pelo oceano de publicações diárias e informações acumuladas, foi utilizar a ferramenta de busca

⁵ Apesar das postagens e relatos serem públicos, para preservar e não expor as mulheres que relataram suas experiências, modificamos os nomes dos dois grupos observados.

⁶ Esse processo de filtragem é uma forma de se lidar com a ampla quantidade de informações acumuladas e disponíveis. É como olhar para a história do grupo, ou melhor, historicizar suas práticas utilizando as próprias ferramentas online disponibilizadas diante da fluidez e quantidade massiva de dados acumulados existentes.

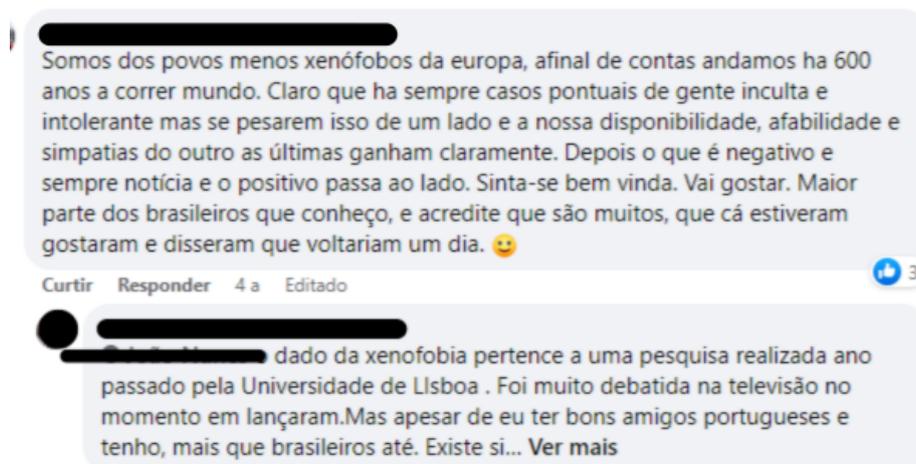
dos próprios grupos e inserir palavras chaves que têm relação com a pesquisa como: xenofobia, nacionalidade, racismo, assédio, preconceito. Obtivemos com esse recurso, uma quantidade de amostras significativas de publicações em anos diferentes, sendo necessário delimitar o ano de publicação pelo filtro da ferramenta de busca de postagens dos grupos.

Sendo assim, em 2022, no grupo Grupo A, foram encontradas apenas 6 publicações, cujos comentários dos membros mencionam as palavras chaves destacadas anteriormente. Já no grupo Grupo B, os números são maiores para o mesmo ano, tendo em torno de 10 publicações que geraram algum tipo de discussão sobre discriminações vivenciadas pelos imigrantes, também sendo possível encontrar publicações de anos anteriores e que serão aqui analisadas dada a sua relevância. Com esse recurso, regressamos até 2018 em uma postagem que, por ilustrar bem as questões pertinentes à nossa pesquisa, dará início a nossa análise.

IDENTIDADES EM JOGO: O PORTUGUÊS, O IMIGRANTE E O BOM IMIGRANTE

Os comentários abaixo são provenientes de uma publicação feita em 2018 por uma mulher brasileira que estava em dúvida se faria o mestrado em alguma universidade portuguesa. Ela pediu a opinião dos membros do grupo “Grupo B” sobre trabalho, moradia e a questão da xenofobia, e em um dos comentários, uma discussão entre um homem português e outra brasileira acontecia:

Figura 1 - Discussão entre homem português e mulher brasileira



Fonte: Facebook, 2018 (“Grupo B”)

O diálogo presente na imagem acima (figura 1) se prolonga, com o homem português comentando que a xenofobia em Portugal é, segundo suas palavras, “residual e não generalizada”. O homem chega a deslegitimar a experiência relatada pela brasileira, ao escrever que o caso dela não tinha relação com sua origem, mas sim, com o seu gênero, e que seria misoginia, e não xenofobia. Somos impelidos a fazer algumas considerações - inevitavelmente de método, conceito e teoria:

Diferente do que o homem português escreve, a relevância do problema permite, inclusive, que ele possa ser apreendido sociologicamente, uma vez que, a xenofobia não é um acontecimento “residual”, mas, como atestado por diversos estudos quantitativos⁷ - e qualitativos - alguns utilizados neste texto -, expressivo, significativo e contínuo.

E o que foi vivenciado pela brasileira não é um caso de misoginia desvinculado de sua origem, mas antes, interseccionado a ela. Ao contrapor a imagem fraterna idealizada pelo homem português, a mulher brasileira perturba “(...) o consentimento social ao revelar a dinâmica existente de sexismo, heterossexismo e racismo” (França; Oliveira, 2021, p.04).

De um lado, o status sociológico de nossa questão-problema, de outro, a interseccionalidade das opressões, o luso-tropicalismo e a colonialidade de gênero que lhe perpassa. Ao invocar o passado de Portugal para legitimar o que seria uma pré-disposição ao convívio inter-étnico do português, o homem no comentário acima nos oferece um exemplo da incorporação do luso-tropicalismo na formação identitária portuguesa (Castelo, 1998).

Concebemos o luso-tropicalismo, doutrina criada por Gilberto Freyre ao longo das décadas de 1950/60, como um dos mecanismos que contribuiu para a (re)produção e manutenção da representação colonial-patriarcal sobre a mulher brasileira. Ao mistificar as relações Portugal e suas ex-colônias, caracterizadas pelo vínculo psicocultural entre os sujeitos provenientes de um mundo criado pelo pendor miscigenador lusitano (Freyre, 2010), o luso-tropicalismo impactou a maneira como os próprios portugueses constituem sua identidade (Almeida, 2000).

⁷ Como os dados divulgados pelo Observatório das Migrações (OM) de Portugal, que aponta que, em 2022, a nacionalidade foi a característica preponderante nas queixas recebidas pela Comissão para a Igualdade e Contra a Discriminação Racial (CICDR). A maioria, 34,2%, vieram de brasileiros. (Oliveira, 2023, p.322).

Como um princípio estruturante de tais ações e relações, se encontra a colonialidade, fenômeno multidimensional que se origina com o colonialismo no século XVI, permanecendo após o fim do período colonial enraizado nos diferentes âmbitos da vida social e na subjetividade dos agentes sociais - organizando hierarquicamente as identidades e relações de gênero em termos de classificações sociais/raciais (Quijano 2005, Lugones, 2020).

Ao interpretar o luso-tropicalismo sob a luz do arcabouço teórico-conceitual da colonialidade, redimensionamos os estereótipos sobre a brasileira no fluxo espacial-temporal não linear da história - que um eurocentrismo entende linearmente (Quijano, 2005). Remetemos a gênese desses estereótipos e sua continuidade não apenas para o passado colonial e seus resquícios, mas para o arraigamento de sua lógica - a colonialidade - nas estruturas objetivas do mundo social e cognitiva dos agentes sociais. Assim como nas formas simbólicas que uma tradição pornô-tropical (Mcclintock, 2010) toma ao longo dos séculos, eufemizando-se em um culturalismo essencialista.

Se falamos em incorporação do lusotropicalismo nos discursos portugueses, ou dos aspectos das experiências migratórias de brasileiras em Portugal, tais fenômenos se tornam cognoscíveis, em nossa etnografia virtual, através das práticas discursivas. A negação da xenofobia, do racismo e do “imaginário da brasileira”, é parte constitutiva da operacionalização eufemizada de uma tradição pornô-tropical que passa a ser expressão de uma “brasilidade” ou “portuguesidade” - onde exclui-se o arbitrário cultural.

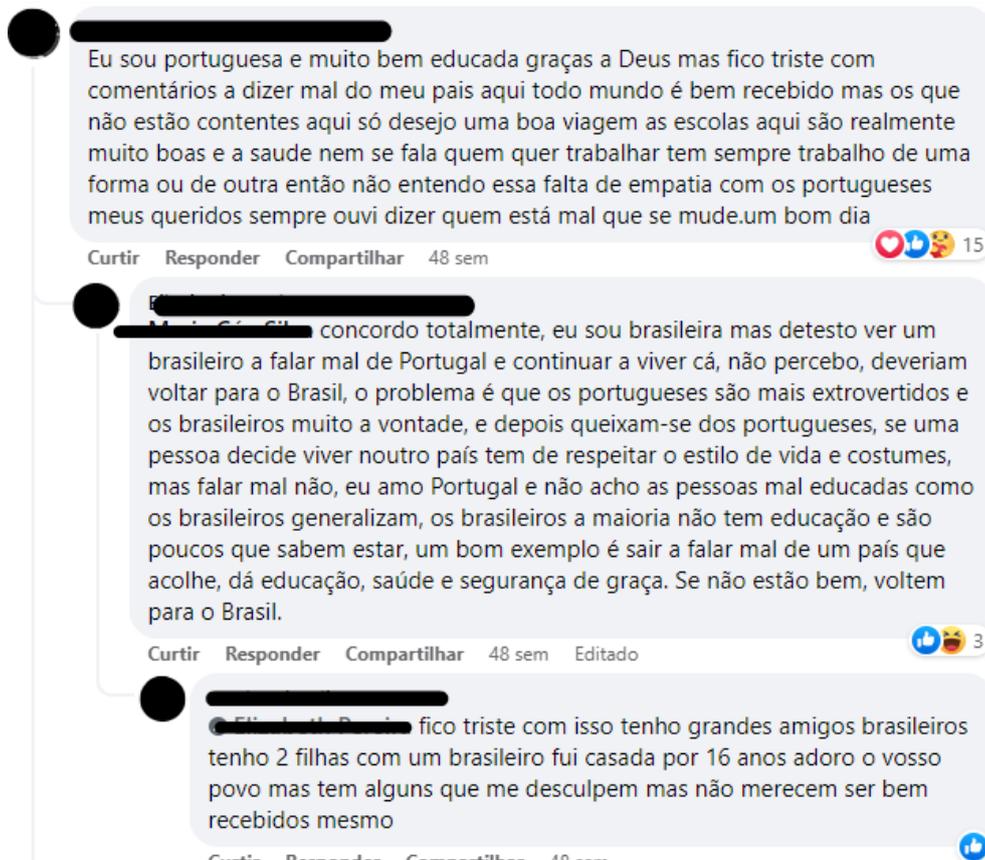
Paramos por aqui pelos limites discutidos na introdução. Decidimos começar analisando os comentários da figura 1 porque ela representa os discursos conflituosos recorrentes nos grupos observados, e que são mais do que opiniões individuais. Esses conflitos, entre perspectivas antagônicas também presentes entre os próprios brasileiros, nos mostram, para além das vivências individuais ou uniformes, experiências e perspectivas situadas e coletivas.

Situadas porque cada pessoa que opina nas discussões, ocupa uma posição no espaço social do qual concorrem marcadores sociais de diferença interseccionados - cor, gênero, classe e nacionalidade -, e logo, um lugar na hierarquia social. Coletivas porque seus posicionamentos se referem, simultaneamente, à história de um grupo, história essa não apenas objetivada nas instituições, mas também incorporada pelos agentes (Bourdieu, 2009).

Existe toda uma constelação de fatores a serem considerados para um exame mais profundo, principalmente se quisermos analisar a própria prática de construção das identidades e suas possibilidades. O que seria dizer que, só podemos compreender essas identidades, pela construção prática de agentes sociais ao longo da história em relação ao sistema simbólico e o espaço que circunscribe suas ações.

Retomando as postagens, no mesmo grupo, mas em 2022, nota-se um relativismo frequente que, agindo como retórica da negação da xenofobia e do racismo como um problema coletivo, os desloca para a esfera individual. Ao contrário, devemos compreender e tornar perceptível a sociodinâmica da estigmatização (Elias, 2000), que se oculta nas retóricas individualistas e “isentas”. Um dos efeitos desses discursos é a naturalização da xenofobia, tornando-a um fato inevitável, com a responsabilidade dos estigmas sendo colocada, muitas vezes, sobre os próprios imigrantes, que supostamente fariam por merecer.

Figura 2 - O discurso do país acolhedor e a ingratidão do imigrante

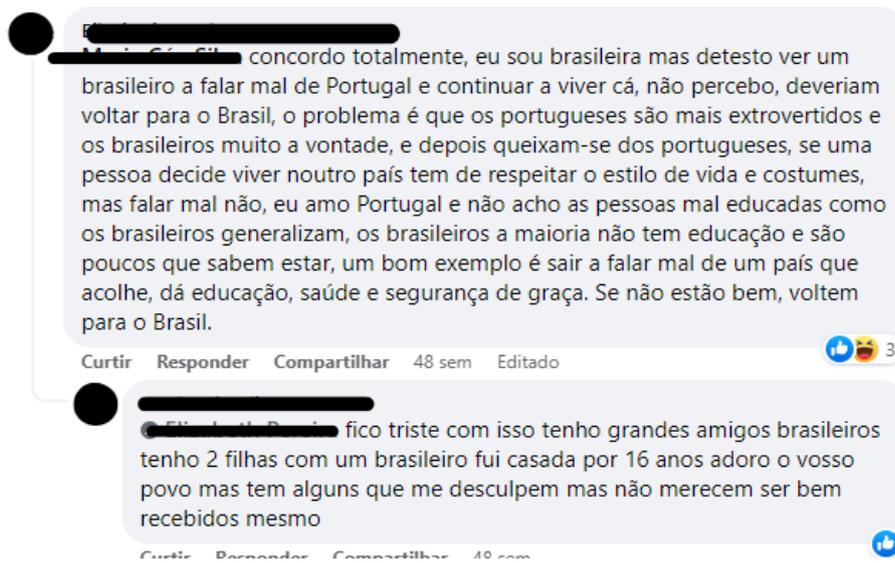


Fonte: Facebook, 2022 (“Grupo B”)

Os relatos sobre as dificuldades e opressões vivenciadas, tal qual os protestos, são percebidos como ingratidão - afinal, o país de imigração está fazendo um grande favor “ajudando” o imigrante, lhe “dando” trabalho, de tal forma que dele só se espera agradecimentos, conformação e obediência.

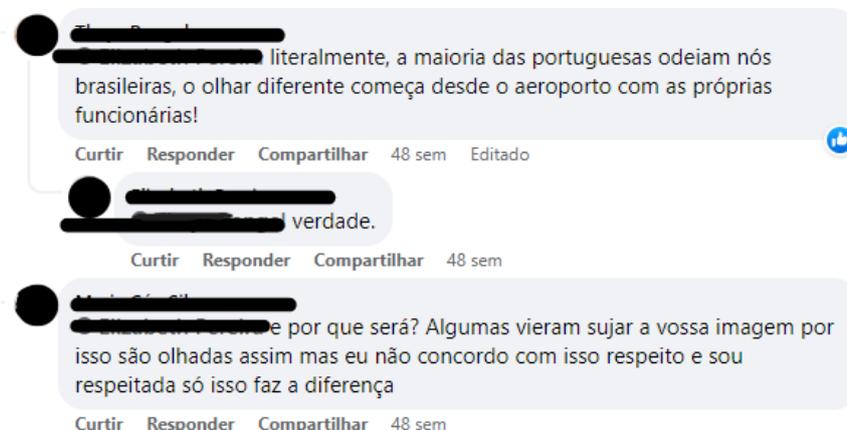
Despolitizados e na “posição de devedores onde deveriam ser credores” (Sayad, 1998, p.61), o bom imigrante é aquele que não protesta e que só pode existir e ser tolerado desde de que se submeta às normas - também de vigilância e controle sobre os corpos, como no caso das mulheres brasileiras - e a cultura do país para o qual migrou.

Figura 3 - hospitalidade seletiva

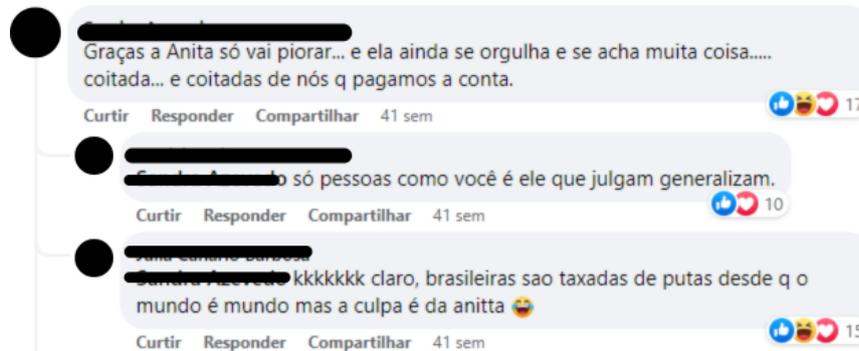


Fonte: Facebook, 2022 (“Grupo B”)

Figura 4 - Culpabilizando a brasileira



Fonte: Facebook, 2022 (“Grupo B”)

Figura 5 - Cantora Anitta como modelo da brasileira culpada pelo estereótipo

Fonte: Facebook, 2022 (“Grupo B”)

As brasileiras não escapam da culpabilização de seu comportamento por parte de outras brasileiras (figura 4 e 5), a elas se exige conformismo frente às condições sociais abusivas e degradantes, que se desdobram em uma hospitalidade seletiva (figura 3). Outros discursos, tanto de brasileiros como de portugueses, incorporam o multiculturalismo para se defender de acusações de xenofobia e racismo - um ideal promovido pelo Estado-nação português, que desse modo se beneficia enquanto propõe: “(...) a aceitação dos diferentes, contanto que continuem diferentes e não desafiem a portuguesidade, que deve permanecer a mesma” (Machado, 2006, p.131).

Como atenta Silva, para a indissociabilidade da identidade e da diferença: “As afirmações sobre a diferença também dependem de uma cadeia, em geral oculta, de declarações negativas sobre outras identidades. Assim como a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade” (Silva, 2012, p.75). Desse modo, o português não pode ser o que é sem o seu oposto definido, nesse caso, os imigrantes lusófonos - e assim Almeida (2000) observa criticamente que, na ideia de lusofonia, lusófonos não são os portugueses.

Mas é preciso acrescentar: participa dessa construção identitária, o ideal do bom imigrante, que permite ao Estado-nação português e os portugueses manterem o discurso do multiculturalismo e da interculturalidade, malgrado as desigualdades e xenofobia entre o nacional e o imigrante. Teríamos assim um português, de fato, como descreveu Gilberto Freyre: plástico e cosmopolita (Freyre, 2010).

A BRASILEIRA PELAS BRASILEIRAS

No “Grupo A”, duas publicações feitas em 2021 se destacam por oferecer uma quantidade significativa de relatos de imigrantes brasileiras, no qual 16 foram escolhidos e analisados. Anexamos abaixo, 7 desses 16 comentários.

Figura 6 - A objetificação e essencialização sexual

Infelizmente ainda existe uma ideia muito arcaica em relação a mulher brasileira. Dia a dia aqui em Coimbra, já se tornou comum quebrar padrões antigos e pre estabelecidos por uma sociedade mais velha e idosa, que ainda tem o pensamento de que “a mulher brasileira tem bundao, sabe dançar samba e por onde passa deixa os homens doidos”.

A reação das pessoas daqui quando começo a falar com sotaque do Brasil é sempre a mesma “nossa mas você é brasileira?”, justamente por terem em mente que a mulher brasileira é sambista e vai conquistar os homens daqui só porque sim. Enfim, espero que tenha ajudado um pouquinho partilhando da minha experiência, querendo ou não eu não sou o “padrão de mulher brasileira” que os portugueses esperam e as reações vão desses pequenos exemplos para piores !!!

Beijinhos, boa sorte 🍀

Curtir Responder 1 a



Fonte: Facebook, 2021 (“Grupo A”).

Figura 7 - As expectativas sobre “a brasileira”

Fui tratada como prostituta. Sem mais.

Curtir Responder 1 a



Eu ja ouvi muito que as brasileiras vem pra roubar marido 🤔.Mas eu já estou aqui há 27 anos e até ao momento não roubei nenhum 😊

Curtir Responder 1 a



Ui, tenho tantas histórias...

Mas a que mais me marcou ainda foi de uma das vezes em que estive a ver lugar para morar e liguei para uma residencial e num primeiro momento disseram que não tinha vagas, uma mulher. Passados alguns minutos, um homem retorna a ligação, diz que afinal tem vaga, sim, mas faz uma série de perguntas e condições estranhas, eu poderia morar ali, se pagasse uma porcentagem do que tirasse com meus “clientes”.

Curtir Responder 1 a



Fonte: Facebook, 2021 (“Grupo A”).

Figura 8 - Expectativas e assédio

Uma vez, fui abordada por um português que ouviu meu sotaque brasileiro e disse: se és brasileira então és safadinha...

Já ouvi de uma colega de trabalho: fulano de tal separou da mulher e logo depois vi ele com uma rapariga de shorts bem curtinho, no momento até achei que era brasileira, mas depois fui ter com eles e afinal era portuguesa...

Quando não tratam a gente pelo nome e sim por "brasileira".

Já ouvi de uma conhecida que se admirou por eu não ter fotos de biquíni no meu Instagram/redes sociais porque as brasileiras gostam de mostrar o corpo. E que eu era mais normal do que ela imaginava. Fiquei incrédula com este comentário, e nunca mais falei com ela.

Fonte: Facebook, 2021 ("Grupo A")

Figura 9 - Impactos nas relações sociais

E houve uma vez que umas "amigas" deixaram de falar comigo porque um ex namorado de uma delas me mandava muitas mensagens. Eu feito burra fui contar pra ela, e ela ainda ficou chateada comigo e veio me encontrar no meu trabalho (café) e me disse que eles só faziam isso porque eu sou brasileira e td mundo sabe que somos fáceis. Nunca mais olhei na cara delas

Fonte: Facebook, 2021 ("Grupo A")

Nas acusações de promiscuidade proferida pelas mulheres portuguesas (figura 8 e 9), se encontra a dicotomia, divisão reatualizada, da distinção entre mulheres das colônias e da metrópole, entre santas e pecadoras (Gomes, 2018). Uma distinção histórica entre aquelas que, tratadas como fêmeas destituídas de gênero e desumanizadas pela classificação social/racial instituída pela colonialidade (Lugones, 2020), foram reduzidas ao selvagem, e do outro lado, as mulheres civilizadas da metrópole.

O que permeia a experiência relatada na figura 6 e 7, são encontrados no trabalho de Assis (2021), por exemplo, que analisa, pelo relato de uma entrevistada, como o sotaque e o corpo congregam na fantasia de uma mulata que tem atributos físicos e performáticos sensuais, objeto de expectativas (figura 7) e desejos: “se és brasileira então és safadinha” (figura 8).

Figura 10 - Múltiplos processos de violência cotidiana

Brasileira e residindo em Coimbra quase 3 anos, relatos:

1 - No meu segundo dia em Coimbra um homem me abordou dizendo "Bom dia", quando eu respondi de volta o Bom dia, ele questionou: Brasileira? Eu: sim... ele veio em direção a minha pessoa (com atos meio obscenos - leia-se roçando as partes íntimas dele - e gemendo) para eu ouvir e veio em minha direção: Hummm brasileira... Preciso descrever o resto?

2 - Sou dona de uma doçaria e já tive problemas com fornecedores de produtos por questionarem se eu realmente era a dona (e não meu marido), pois eles acham que o lugar da mulher é na cozinha, sendo que quem é o pasteleiro (chef da cozinha aqui é o meu marido) e eu sou a gestora.

3 - Por ser neta de Italianos + alemães + portugueses, sou branca (pode colocar transparência mesmo) e já ouvi diversas vezes que eu não "pareço" brasileira, por conta de ser branca e de olhos verdes... Eles possuem um conceitual todo equivocado, e já, infelizmente tive que ouvir que as mulheres brasileiras parecem "macacas"... Imagina a minha raiva/ódio deste tipo de comentário?

4 - Mais uma coisa, ser mulher e brasileira aqui ou em qualquer local do mundo, é estar constantemente tendo que provar sua capacidade (intelectual e profissional), ainda mais quando você atende em um local, eles sempre pressupõe que você não estudou, não sabe, não entende e te tratam como tal, resumindo: como burra. Às vezes, de raiva, passo vontade de colocar meus títulos (Bacharelado, MBA e Mestrado) na parede da doçaria e pedirem que me chamem de Doutora!

Tenho mais coisas, mas resumidamente, estes foram os piores.

Espero ter contribuído.

Curtir Responder 1 a Editado



Fonte: Facebook, 2021 ("Grupo A")

Figura 11 - Assédio sexual

sim, já sofri mais de uma vez o assédio de homens que ficam na baixa e perguntam qt cobro o programa, notei que só assediam as que identificam como brasileiras ou africanas. Racismo e xenofobia!

Curtir Responder 1 a



Fonte: Facebook, 2021 ("Grupo A")

Figura 12 - Impactos nas relações afetivas e na escola

A primeira vez que conheci os pais do meu ex namorado e me apresentei como sendo brasileira, a primeira coisa que a mãe dele me disse foi "tenho uma amiga que uma brasileira roubou-lhe o marido". Ela não é má pessoa mas infelizmente a imagem que tinha de nós era bem ruim. E durante os meus anos de escola muitas pessoas me chamavam de p*ta e diziam que devia ir vender a minha "r*ta" pro meu país. Sofri horrores, tinha só 11 anos na época, me sentia muito mal 😞

Curtir Responder 1 a



Fonte: Facebook, 2021 ("Grupo A")

O assédio, racismo e xenofobia ocorrem em diferentes locais: na rua, no comércio, no trabalho, no ambiente familiar. É através dessas mulheres e dos seus relatos, que conseguimos caracterizar a extensão e os aspectos da representação da brasileira. Em suma,

a brasileira seria uma mulher predisposta a domesticidade, a relações sexuais e com uma lubricidade inerente - que remonta a uma tradição pornô-tropical responsável por delinear as primeiras fantasias dos colonizadores sobre os excessos sexuais das mulheres das colônias (McClintock, 2010).

O conhecido caso das “Mães de Bragança”, que ocorreu em 2003, ecoa ainda hoje como referência explícita do estigma da “brasileira puta”, pânico moral (Gomes, 2018) persistente e recorrente nos relatos. Como é o caso da mulher que, aos 11 anos, foi chamada de “puta” na escola e mais tarde foi encarada com suspeição pela família do ex-namorado português (figura 12), e de outra assediada mais de uma vez por homens que acreditavam que ela era prostituta (figura 11). Representações daquelas que foram culpabilizadas de seduzir namorados, “roubar maridos” (figuras 7 e 9), inferiorizadas intelectualmente, racializadas e assediadas - os atos e as falas obscenas - (figura 8 e 10).

Esses e outros relatos analisados, assim como o eixo teórico utilizado, possibilitam não apenas a compreensão dos mecanismos de produção e reprodução de uma mulher lusotropical. Na esteira do que França e Oliveira (2021) já pesquisaram sobre o “ativismo digital” de imigrantes brasileiras nas redes sociais, precisamos e somos provocados a buscar e analisar os meios de contestação utilizados por essas mulheres, que confrontam seus detratores e denunciam as violências cotidianas.

CONCLUSÃO

Os relatos aqui apresentados são caros para uma análise e compreensão da construção prática das identidades - e pela lógica prática no qual essas construções transcorrem - e seus impactos nas vivências de imigrantes brasileiras em Portugal. As disputas em torno das classificações, descontando os interesses e as condições de apropriação dos recursos simbólicos pelos agentes sociais, nos falam sobre práticas situadas ou multissituadas, e de identidades em constante contestação e (re)produção.

O que exige o conhecimento das condições sociais de estruturação - também simbólica - do mundo social e das estruturas cognitivas que constituem nossa experiência mesma de mundo, do sentido conferido a ele, as ações e as inter-relações sociais. Entra aqui a colonialidade, arraigada nessas estruturas objetivas e subjetivas (Quijano, 2005).

A tradição pornô-tropical, uma dessas condições sociais de produção de identidades - colonialmente racializadas, hipersexualizadas e eufemisticamente culturais - e práticas, se

prolonga no luso-tropicalismo como uma de suas expressões transfiguradas, um estado eufemizado da violência fundante da modernidade/colonialidade. Violência que, agindo sobre os corpos, age sobre a constituição do ser, das formas de conhecer e produzir conhecimento, se constituindo então como violência simbólica (Bourdieu, 1989).

Ao longo do artigo, demonstramos as contradições que permeiam o movimento prático das construções das identidades, os conflitos entre as rejeições e reivindicações de uma unidade cultural ou de um dever ser. A criticidade das mulheres brasileiras diante da violência sofrida ou, o inverso, a culpabilização dessas mulheres pelas próprias brasileiras, mostra a experiência “(...) como um lugar de contestação: um espaço discursivo onde posições de sujeito e subjetividades diferentes e diferenciais são inscritas, reiteradas ou repudiadas” (Brah, 2006, p.361).

Portanto, não exige uma homogeneidade nas experiências e percursos - também migratórios - dessas mulheres, que não podem ser compreendidas por uma “brasilidade” ou “portuguesidade” aprioristicamente definida - e que, por efeito, as essencializam.

A imagética criada pelo relato da mulher brasileira que, com seus atributos físicos voluptuosos, “sabe dançar samba e por onde passa deixa os homens doidos” (figura 6), e que aparece como uma espécie de feitiço, é, no entanto, produto da construção e projeção de uma “cultura objetivada” (Machado, 2006, p.120) sobre os corpos. A domesticidade, hipersexualidade e docilidade, longe de ser imanência da “brasilidade” das mulheres brasileiras, são estereótipos que, agindo sobre os corpos, lhes substancializam.

Como se fornecesse uma prova empírica, tangível, tais atributos naturalizados da brasileira convergem com os atributos observáveis e não menos socialmente construídos dessas mulheres (o “bundão” e o “andar”). Efeitos reais da naturalização do arbitrário cultural que, por uma ação pedagógica difusa e coletiva, produz os corpos e as categorias e instrumentos de percepção, avaliação e classificação de tais corpos (Bourdieu, 2009).

Se é possível falar de uma mulher luso-tropical, que existe pelos efeitos de sua construção, crença e operacionalização prática - nos discursos, tanto na apropriação como na rejeição dos estereótipos da “brasileira”, nas violências históricas e cotidianas, sociais e institucionais, e posições ocupadas no espaço social - isso não significa consentimento e passividade. Como agentes ativas, essas mulheres denunciam e estruturam estratégias que contribuem para tensionar e promover transformações em suas condições de vida.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Gisele Maria Ribeiro. O tipo migratório do fluxo Brasil-França até 1980. In: *Au revoir Brésil: um estudo sobre a imigração brasileira na França no século XXI*. Jundiaí: Paco, 2021. p.148.
- ALMEIDA, Gisele Maria Ribeiro; BAENINGER, Rosana. Modalidades migratórias internacionais: da diversidade dos fluxos às novas exigências conceituais. In: BAENINGER, Rosana. (Org.). *Migração internacional*. 1º ed. Campinas: NEPO/UNICAMP, 2013, v. 1, p.23-34.
- ALMEIDA, Miguel Vale de. Tristes luso-tropicais; Saudades de si mesmo. In: *Um mar da cor da terra - raça, cultura e política de identidade*. Portugal: Celta Editora, 2000. p.161-204.
- ASSIS, Gláucia Oliveira; SIQUEIRA, Sueli. Entre o Brasil e a Europa: brasileiras negociando gênero e raça nas representações sobre “a mulher brasileira”. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 63, p. e216306, 2022.
- BOURDIEU, Pierre. *O senso prático*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. Sobre o poder simbólico; Introdução a uma sociologia reflexiva. In: ____ *O Poder Simbólico*. Lisboa: Difel, 1989, p.7-16; p.17-58.
- BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. *Cadernos Pagu*, n. 26, p. 329–376, jan. 2006.
- CAMPANELLA, B. Por uma etnografia para a internet: transformações e novos desafios. *Matrizes*, [S. I], v. 9, n. 2, p.167-173, 2015.
- CASTELO, Cláudia. *O modo português de estar no mundo: o lusotropicalismo e a ideologia colonial portuguesa (1933-1961)*. Porto: Edições Afrontamento, 1998.
- DA MATTA, Roberto. O ofício do etnólogo ou como ter “anthropological blues”. In: NUNES, E. O. (org). *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. p.28.
- ELIAS, Norbert; e SCOTSON, John. L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- ELHAJJI, Mohammed. Introdução; Percursos migratórios; Teorias e métodos. In: ____ *O intercultural migrante: teorias e análises*. Porto Alegre: Editora Fi, 2023.
- FRANÇA, Thais; OLIVEIRA, Stefanie Prange de. Mulheres brasileiras imigrantes como estraga-prazeres: revelando racismo no “amigável” Portugal. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 63, e216301, 2021, p.1-17.
- FREYRE, Gilberto. *O mundo que o português criou: aspectos das relações sociais e de cultura do Brasil com Portugal e as colônias portuguesas*. São Paulo: É realizações, 2010.
- GOMES, Mariana Selister. Gênero, Colonialidade e Migrações: uma análise de discursos institucionais sobre a “Brasileira Imigrante” em Portugal. *Política & Sociedade*, Florianópolis, Vol. 17 - Nº 38 - Jan./Abr. de 2018. p.404-439.
- HINE, Christine. A internet 3E: uma internet incorporada, corporificada e cotidiana. *Cadernos de Campo* (São Paulo - 1991), São Paulo, Brasil, v. 29, n. 2, p. e181370, 2020. DOI: [10.11606/issn.2316-9133.v29i2pe181370](https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v29i2pe181370).

- LUGONES, Maria. Colonialidade e Gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (org.). *Pensamento Feminista Hoje: Perspectivas Decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p.51-77.
- MACHADO, Igor. Imigração em Portugal. *Estudos Avançados*, v. 20, n. 57, p. 119–135, maio, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142006000200010>. Acesso em: 10/07/2024.
- MCCLINTOCK, Anne. *Couro imperial - Raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Campinas, Editora Da Unicamp, 2010.
- OLIVEIRA, Catarina Reis de. Discriminação de base racial e étnica. In: *Indicadores de integração de imigrantes: relatório estatístico anual*. 1ª ed. Lisboa: Observatório das Migrações, 2023, p.303-326.
- QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo et al. (Ed.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.
- POLIVANOV, Beatriz Brandão. Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos. *Esferas*, v. 1, n. 3, 2014.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da diferença e da identidade. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. 14. ed. Petrópolis - RJ: Editora Vozes, 2012, p.73-102.
- SAYAD, A. *Imigração ou os paradoxos da alteridade*: São Paulo, Edusp, 1998.
- VELHO, Gilberto. *A Utopia urbana: um estudo de antropologia social*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1989, p.13.